

A TEMÁTICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO DOCUMENTO CURRICULAR DO TOCANTINS

THE CONCEPT OF LINGUISTIC VARIATION IN THE BEGINNING YEARS OF GRADE SCHOOL IN THE TOCANTINS CURRICULUM DOCUMENT

Roseli Bitzcof de Moura **1**
Rosilda Ferreira de Oliveira Guilherme **2**
Ângela Francine Fuza **3**
Carine Haupt **4**

Mestranda em Letras. Graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3335259967910066>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3748-4005>.
E-mail: roselibitz@gmail.com

Mestranda em Letras. Graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1659532775458849>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8804-5435>.
E-mail: rosilda.guilherme@uft.edu.br

Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp). Pós-doutora em Linguística (UFSC/Capes). Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins - UFT. **3**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9621843478275996>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8265-4064>.
E-mail: angelaFuza@uft.edu.br

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Professora Adjunta na Universidade Federal do Tocantins (UFT). **4**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3187491345404438>.
E-mail: carineh@uft.edu.br

Resumo: Neste artigo, analisa-se o tratamento dado à variação linguística no componente curricular de Língua Portuguesa, dos anos iniciais do Ensino Fundamental na BNCC e no Documento Curricular do Tocantins (DCT), assim como nas orientações dadas aos professores quanto ao desenvolvimento desse tema em sala de aula. O trabalho é documental, situado na Sociolinguística Educacional, e os dados foram gerados da análise dos documentos, orientada pelas unidades de registro das expressões: variação linguística, variedades linguísticas e preconceito linguístico. Os resultados apontam que, apesar dos avanços quanto à inserção do tema nas habilidades e nos objetos de conhecimento, ainda prevalece a superficialidade no tratamento dos conceitos, sendo preciso um trabalho baseado em situações reais e concretas de uso da linguagem. Assim, espera-se que a variação linguística seja apresentada nos documentos com maior ênfase e amplitude para que as variedades linguísticas sejam valorizadas, rejeitando-se o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino Fundamental. BNCC. DCT.

Abstract: In this article, it is analyzed the handling of the linguistic variation in the curricular constituent Portuguese Language, in the early years of the grade school in the BNCC and in the Tocantins Curricular Document (DCT), as well as in the guidance given to the teachers in relation to the development of that matter in the classroom. The research is a documental one, standing within the Educational Sociolinguistics, and the data were prompted by the analysis of the documents, guided by the register units of the expressions: linguistic variation, linguistic variations and linguistic prejudice. The results demonstrate that, despite the steps forward concerning the insertion of the theme in the abilities and knowledge objects, the superficiality about the concepts approach still prevails. There is a need of a work based on real and concrete situations of the language use. Hence, it is expected that the linguistic variation is presented in the documents with a greater emphasis and amplitude, so the linguistic variations are appraised, turning down the linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic Variation. Elementary School. BNCC. DCT.

Introdução

As línguas não são homogêneas e estáticas, elas se modificam, ao longo do tempo, e adquirem características próprias de seus usuários em uma comunidade de fala. Assim, cada grupo social possui suas particularidades linguísticas e “o que os diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade” (CAGLIARI, 1996, p. 81).

Neste sentido, de acordo com Bagno (2007), é imprescindível que as instituições educacionais reconheçam a diversidade linguística do português, no Brasil, para que sejam planejadas políticas voltadas à população socialmente desprestigiada, que utiliza a variedade não-padrão¹. Entendemos que, nessa perspectiva, a escola pode contribuir com o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística que existe em nosso país, inserindo, no contexto educacional, as variantes linguísticas de diferentes grupos sociais.

A variação linguística começou a figurar, nos documentos oficiais brasileiros, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997; 1998) e, mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). A BNCC propõe “Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BRASIL, 2017, p. 83).

Objetivamos, neste artigo, analisar o tratamento dado à variação linguística no componente curricular de Língua Portuguesa, dos anos iniciais do Ensino Fundamental na BNCC e no Documento Curricular do Tocantins (DCT) (TOCANTINS, 2019). A escolha do tema é pertinente à medida que as orientações, advindas desde 1997 por meio dos PCN, não se efetivaram como deveriam na sala de aula, visto que sua aplicação ainda é tímida, levando em consideração estudos baseados em análises do tratamento da variação linguística em provas externas, por exemplo, a Provinha Brasil/SAEB (FREITAG, 2015).

O nosso estudo é de cunho qualitativo, de natureza interpretativista, e faz uso da estratégia metodológica “pesquisa documental”, a partir da análise de conteúdo. Realizamos uma análise prévia dos documentos: BNCC (BRASIL, 2017), DCT (TOCANTINS, 2019) e PCN (BRASIL, 1997;1998). Os PCN foram incluídos como objeto de análise por fundamentarem a organização da BNCC.

A exploração do material foi realizada a partir das unidades de registro das expressões “variação linguística”, “variedades linguísticas” e “preconceito linguístico”, buscando os conceitos dados em cada documento, e comparando as semelhanças e diferenças nas definições apresentadas. Observou-se a recorrência nas partes introdutória e teórica dos documentos, depois, nas competências, nas habilidades, nos objetos de conhecimento e nas sugestões pedagógicas do DCT.

O texto está organizado da seguinte forma: primeiro, a parte introdutória; em seguida, as seções, intituladas *Sociolinguística Educacional e o Ensino de Língua Portuguesa* e *A Variação Linguística* nos livros didáticos. Na 3ª seção abordamos a *Organização do Componente Curricular de Língua Portuguesa e a Variação Linguística na BNCC e no DCT*; quando foi demonstrado o percurso da construção dos documentos oficiais, abordando o componente de Língua Portuguesa e finalizando com a análise do tratamento dado à variação linguística nos documentos oficiais PCN, BNCC e DCT. Por fim, tem-se as considerações finais.

Em suma, salienta-se que o tema merece uma atenção especial da escola e deveria fazer parte da formação continuada de professores, principalmente, dos que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o intuito de que as diferenças linguísticas existentes sejam reconhecidas e valorizadas no ambiente escolar.

¹ A variedade não-padrão está relacionada “às múltiplas variedades linguísticas empregadas pela população – rural, urbana e rurbarana – com escasso ou nenhum acesso à educação de qualidade e, por conseguinte, às práticas letradas de prestígio, isto é, a ampla maioria da população” (BAGNO, 2020, p. 12). Em oposição, “tem sido proposto o uso do termo norma-padrão para designar o conjunto de regras gramaticais padronizadas e erigidas como modelo a ser seguido para o “bom uso” da língua (LUCCHESI, 2002; FARACO, 2002; cf. BAGNO, 2003, para uma proposta mais radical de terminologia) (BAGNO; RANGEL, 2015, p. 72).

Sociolinguística educacional e ensino de Língua Portuguesa

A língua é dinâmica e varia de acordo com o uso que fazemos dela. Assim como a sociedade, concomitantemente, a língua se transforma, e novas palavras são incorporadas ao léxico, enquanto outras caem em desuso. Nessa perspectiva, “a língua é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social, é por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 22). Desse modo, cada falante possui traços de sua comunidade de fala e dos grupos a que pertence, constituindo, assim, a diversidade linguística que é o objeto de estudo da Sociolinguística.

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística e estuda as variações da língua, relacionando aspectos linguísticos e sociais, ou seja, a relação entre língua e sociedade. A língua falada em situações reais de uso é o seu objeto de estudo, observando os aspectos sociais e as variações da língua, conforme o contexto de seus falantes. Dentre os estudos pioneiros da Sociolinguística, podemos citar o da variação e mudança da língua, no contexto social da comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]), que investigou o dialeto da ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, na costa leste dos Estados Unidos, e o estudo da língua na interação social (GUMPERZ, 1982). Destacamos, também, os estudos voltados ao aperfeiçoamento do ensino da língua materna (BORTONI-RICARDO, 2005): a Sociolinguística Educacional.

A Sociolinguística Educacional é uma ramificação da linguística que visa estudar os fenômenos da variação que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem da língua materna. No Brasil, Bortoni-Ricardo é a pesquisadora pioneira nessa corrente que traz a discussão da variação linguística para o contexto escolar. De acordo com a autora, a Sociolinguística Educacional contribui com a melhoria do ensino da Língua Portuguesa, na medida em que, além dos fatores internos, os externos à língua também são levados em consideração, conforme a realidade linguística dos usuários da língua.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística aplicada à educação sofre críticas externas e internas. Ela destaca que os sociólogos e analistas do discurso veem a Sociolinguística dissociada de uma teoria social mais ampla e eles subestimam a capacidade de aprendizagem da língua a partir das diferenças dialetais, por entenderem que o fracasso educacional está mais associado aos preconceitos da sociedade do que às diferenças linguísticas. Mesmo diante das críticas, a autora acredita que a Sociolinguística tem muito a contribuir com o ensino da língua materna, mas defende a necessidade da mudança de postura não só da escola, como também da sociedade em geral, no intuito de desenvolver uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos.

Nessa acepção, a Sociolinguística Educacional propõe que as variedades linguísticas dos estudantes sejam valorizadas e respeitadas. Para isso, é preciso que eles entendam que a língua é heterogênea, variável e sofre mudanças determinadas por fatores linguísticos e não linguísticos. Por isso, é importante que se conheçam as variedades e variações linguísticas existentes na língua portuguesa, as quais permeiam as esferas sociais, e que os sujeitos saibam como adequá-las aos diferentes contextos de uso. Tais usos orientam que a linguagem que usamos para interagir em nosso convívio familiar não é a mesma que utilizamos em situações mais formais.

Portanto, ressaltamos que, para o estudante conhecer e respeitar a diversidade linguística, presente nos contextos social e escolar, primeiramente, é importante que o professor conheça a Sociolinguística Educacional, e isso é adquirido durante as formações inicial e continuada. Dessa maneira, corroborando Bortoni-Ricardo (2004), quando os professores não sabem lidar com diferenças da variedade linguística, nomeando-as “erros de português”, os estudantes acabam sendo discriminados pelo uso da linguagem representada pela sua cultura em detrimento da linguagem da escola.

A variação linguística nos livros didáticos

A variação linguística, que é objeto de análise neste artigo, começou a figurar nos documentos oficiais a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com o objetivo de inserir no contexto educacional, as variantes linguísticas dos diferentes grupos sociais que fazem par-

te da comunidade escolar; objetivando, também, diminuir o preconceito linguístico existente em relação às diferenças dialetais, porque há “muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática” (BRASIL, 1998, p. 31).

Em continuidade aos PCN, um dos objetivos propostos na BNCC, na dimensão de análise linguística, é “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BRASIL, 2017, p. 83). Desse modo, enfatiza-se a importância da abordagem da variação linguística e do preconceito linguístico no contexto escolar, contribuindo para que os estudantes reflitam como percebem e abordam a variação linguística no cotidiano.

Os documentos oficiais preconizam o ensino sobre a heterogeneidade da língua. Entretanto, em alguns estudos sociolinguísticos realizados sobre o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos, uma das ferramentas mais utilizadas pelos professores na Educação Básica comprovam que ainda não há devida atenção à variedade de usos da língua em sala de aula. Nessa perspectiva, “o conceito de variação linguística é quase inexistente, ou não existe no livro didático – embora sua compreensão, tanto por parte do professor como dos alunos, seja crucial para a eliminação do preconceito linguístico” (MELO; SANTOS, 2010, p. 3).

Um dos requisitos para aprovação de um livro no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é que a língua padrão seja considerada no contexto da variação linguística sem que estigmatize as demais variedades. Diante das exigências do PNLD, houve avanços, embora o assunto ainda seja tratado de forma superficial, sem que haja reflexão sobre as variedades linguísticas.

Alguns estudos, para verificar o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos, apontam que a abordagem ainda não acompanha os estudos sociolinguísticos realizados, visto que o tema não é tratado de forma significativa e contextualizada. Dentre esses estudos, destacamos os trabalhos de Dimbarre (2019) e Falcão (2020) que foram realizados com livros didáticos, direcionados aos Ensinos Fundamental I e II.

Dimbarre (2019), em seu artigo *Variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 2º ciclo do Ensino Fundamental I*, analisou dois livros de Língua Portuguesa do 4º e 5º anos, da Coleção *Eu gosto*, adotada na rede municipal de Ponta Grossa-PR. Falcão (2020), em sua dissertação de mestrado *A abordagem da variação linguística no livro didático Português Linguagens*, destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, adotado pelo município de Lajedo-PE. As pesquisadoras destacam que, embora a variedade linguística seja reconhecida, a forma como é apresentada não acrescenta os conhecimentos linguísticos necessários para que os estudantes desenvolvam as competências comunicativas necessárias diante da multiplicidade de discursos existentes.

Os documentos curriculares enfatizam a importância do estudo da variação linguística, entretanto, essa discussão precisa chegar à sala de aula para que os alunos percebam “a riqueza que envolve o uso efetivo da língua como um patrimônio maior do qual não podemos abrir mão. Pois, se há um estudo que vale a pena no ensino básico, é o estudo da língua e suas possibilidades” (MARCUSCHI, 2020, p. 42). Uma das premissas para que isso aconteça é a adequação dos livros didáticos.

Por conseguinte, o papel do professor é essencial nesse processo de valorização e aceitação das diferenças dialetais dos seus alunos. Para isso, na formação inicial, deve-se incluir o tema variação linguística no currículo e este não deve se restringir às discussões e pesquisas no âmbito da universidade, mas ser aplicado na prática pedagógica e na formação continuada dos professores. Bortoni-Ricardo reafirma a importância de a escola reconhecer e valorizar as diferenças linguísticas, pois

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira

diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nesse sentido, é importante que o trabalho do professor com os fenômenos linguísticos revele a existência das variedades aos alunos, de modo que compreendam sua relevância para os processos comunicativos em sociedade e para a adequação linguística de acordo com a situação social. Essa consciência das diferenças dialetais pode permitir que o falar de cada aluno possa ser reconhecido como uma variação, e não como um erro linguístico. Nesse contexto, os PCN reiteram que:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige (BRASIL, 1997, p. 26).

Diante dessa afirmação, para que o aluno compreenda as variações da língua e seu contexto de uso, é necessário que vivencie, na sala de aula, atividades reais e concretas, visto que “quanto maior é o domínio das variedades de uma língua, maior é a capacidade de alguém para usá-la adequadamente em cada circunstância” (ANTUNES, 2007, p. 106) e, diante do conhecimento melhor construído, o aluno vai “demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitar preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 87).

Assim, corroborando Bortoni-Ricardo (2005), entendemos a importância do ensino da norma padrão ou culta na escola, pois sabemos que é uma variedade de prestígio e o seu uso é exigido pela sociedade em diversos contextos, contanto que as “peculiaridades linguístico-culturais” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15) do aluno sejam respeitadas e valorizadas.

A organização do componente curricular de língua portuguesa na BNCC e no DCT

Na BNCC (BRASIL, 2017), o componente curricular de Língua Portuguesa apresenta um conjunto de competências específicas e habilidades essenciais que os estudantes devem desenvolver no decorrer da Educação Básica, de acordo com o que determina o Plano Nacional da Educação (PNE) (BRASIL, 2014). A competência, na BNCC, é definida como “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8). Por conseguinte, para que essas competências sejam desenvolvidas no ambiente escolar, a prática pedagógica volta-se a uma organização direcionada por campos de atuação, práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades.

Nessa estrutura, os campos de atuação representam o contexto social no qual as práticas de linguagem se materializam em gêneros discursivos orais, escritos e multimodais. Esses campos foram divididos para atender a uma funcionalidade didática. No Quadro 1 está representada a divisão desses campos no Ensino Fundamental:

Quadro 1. Divisão dos campos de atuação no Ensino Fundamental

Anos Iniciais	Anos Finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa

Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

Fonte: Organização das autoras, adaptado de Brasil (2017, p. 84).

Cada campo de atuação organiza as práticas de linguagens e a diversidade de gêneros discursivos. As práticas de linguagem abrangem os eixos de integração do ensino de Língua Portuguesa já preconizados pelos PCN (1997; 1998). No entanto, as nomenclaturas desses eixos foram atualizadas, conforme as práticas contemporâneas de linguagem, a saber: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica.

Assim, para cada eixo de integração são elencadas as habilidades e os objetos de conhecimento correspondentes. As habilidades evidenciam as aprendizagens que devem ser asseguradas aos estudantes e os objetos de conhecimento agregam os conteúdos, conceitos e processos (BRASIL, 2017). As habilidades são organizadas por códigos alfanuméricos, (EF35LP11), em que as letras iniciais indicam a etapa de ensino; os primeiros números, o ano de ensino; logo após, as siglas indicam o componente curricular e o número final, a habilidade. Por exemplo, EF – Ensino Fundamental; 35 – 3º ao 5º anos; LP – Língua Portuguesa; 11– número da habilidade.

O componente curricular de Língua Portuguesa, no Documento Curricular do Tocantins (DCT), foi organizado, conforme as diretrizes da BNCC (BRASIL, 2017) e os últimos referenciais curriculares do Tocantins, com inserções da cultura digital, da cultura juvenil e especificidades regionais (TOCANTINS, 2019). Apontamos, também, que foi reorganizada a apresentação dos itens constitutivos do Componente Curricular de Língua Portuguesa (LP); desse modo, constam os pressupostos teóricos, as especificidades do componente curricular de LP e o quadro Organizador Curricular.

Para exemplificar como o DCT estruturou o componente curricular de Língua Portuguesa, tem-se o Quadro 2, no qual demonstramos a organização do seguinte modo: a apresentação do Componente Curricular de Língua Portuguesa, correspondente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A organização do quadro curricular contém Campo de Atuação (CA), Eixo, Habilidades, Objetos de conhecimento e Sugestões Pedagógicas.

Quadro 2. Quadro organizador curricular do Ensino Fundamental – Anos Iniciais

ORGANIZADOR CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS				
LINGUA PORTUGUESA – 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – 1º BIMESTRE				
CA	EIXO	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO	SUGESTÕES PEDAGÓGICAS
Vida Cotidiana	Leitura/Escuta (compartilhada e autônoma)	(EF12LP04) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor ou já com certa autonomia, lista, agendas, calendários, avisos [...].	Compreensão em leitura em listas de nomes e/ou agendas, calendários (dentre outros) com a ajuda do professor. Reconhecimento do nome na lista de frequência, crachá e agenda.	O trabalho inicial com a leitura terá sempre como base os gêneros discursivos frequentes no dia a dia dos estudantes, aqueles familiares para as crianças [...].

Fonte: Organização das autoras, adaptado DCT (TOCANTINS, 2019, p. 37).

Ao compararmos os quadros organizadores curriculares presentes tanto na BNCC como no DCT, observamos diferenças entre a ordem dos elementos que compõem o quadro do DCT. Na BNCC, o quadro é anual, no DCT, é organizado por bimestre e anos de ensino, além de apresentar sugestões pedagógicas para cada uma das habilidades. Verificamos, também, que as habilidades não seguem a mesma disponibilização de ordem apresentada pela BNCC, uma vez que, no DCT, cada habilidade é disponibilizada em uma sequência que contempla a ordem dos eixos e os gêneros discursivos presentes em cada habilidade. Desse modo, inicia-se com o eixo leitura/escuta e, depois, há alternância entre os outros eixos, que, na maioria das vezes, seguem esta ordem: leitura, produção textual, análise linguística/semiótica e oralidade.

Destacamos que as habilidades de análise linguística são reagrupadas, ora próximas às de leitura/escuta, ora aos eixos de escrita e oralidade. No tópico “objetos de conhecimento”, mantêm-se alguns conteúdos propostos pela BNCC. No entanto, há acréscimo de gêneros discursivos e de novos conteúdos que, de acordo as análises realizadas, foram retirados das habilidades, conforme exemplificado nos Quadros 3 a 7.

Variação linguística na BNCC

A BNCC apresenta o componente de Língua Portuguesa organizado a partir de diálogos com as orientações curriculares produzidas nas últimas décadas, entre elas, destacam-se os PCN. Nessa perspectiva, observamos o tratamento dado à variação linguística nos PCN e como isso reverberou na BNCC.

Os PCN (BRASIL, 1997) preconizam que as condições do ensino de Língua Portuguesa davam margens para contribuições de outras áreas, como a psicologia da aprendizagem, a psicologia cultural, e as ciências da linguagem, pois o avanço dessas áreas possibilitaria aportes da Psicolinguística e da Sociolinguística no ensino da leitura e da escrita. Assim, a Sociolinguística cooperaria para que as aprendizagens se concretizassem além do ambiente escolar.

Nessa perspectiva, os PCN (BRASIL, 1997) também alertam quanto à necessidade da valorização das variedades dialetais do português brasileiro. O documento destaca que certos estereótipos perduram nas escolas em relação às “variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas” (BRASIL, 1997, p. 26). Do mesmo modo, destacam que o objetivo educacional mais amplo, no que diz respeito às diferenças, estaria relacionado ao enfrentamento do preconceito em relação às falas dialetais, de modo a evitar mitos que preconizam uma única forma correta de falar.

Em concomitância com essas perspectivas, na BNCC (BRASIL, 2017), a Sociolinguística é mencionada como conhecimento que faz parte do ensino de Língua Portuguesa, que deverá ser construído por todo o Ensino Fundamental. Desse modo, espera-se que, com essas orientações, sejam organizadas estratégias para o combate aos preconceitos às variedades linguísticas do português brasileiro. Assim, a BNCC evidencia que:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. Esses conhecimentos linguísticos operam em todos os campos/esferas de atuação. (BRASIL, 2017, p. 81, grifos nossos).

Segundo a BNCC (2017), as reflexões sobre a variação linguística necessitam ser ampliadas em “qualquer sistema linguístico”, em “quaisquer níveis de análise, em todos os campos/esferas de atuação”. Essas orientações perpassam períodos pré-determinados nos tempos escolares e provocam a valoração dos falares do estudante, em todos os momentos. Confirmando, assim, os pressupostos dos PCN (BRASIL, 1997) de que não existe um falar certo ou errado, mas o importante é saber adequar a fala para que se alcancem os objetivos pretendidos. Sendo assim, uma das funções da escola é preparar os educandos para que sejam capazes de adequar

os registros que utilizam nas diversas situações comunicativas de forma coordenada.

Consoante ao que foi abordado, a variação linguística, para fins de organização pedagógica, é apresentada na BNCC (BRASIL, 2017) no quadro do eixo análise linguística/semiótica, “os conhecimentos linguísticos relacionados a ortografia, pontuação, conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos), entre outros” (BRASIL, 2017, p. 82) (Cf. Quadro 3).

Quadro 3. Objetivos da dimensão análise linguística correspondentes à variação linguística.

Variação Linguística	Conhecer algumas das <i>variedades linguísticas</i> do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
	Discutir, no fenômeno da <i>variação linguística</i> , <i>variedades prestigiadas e estigmatizadas</i> e o <i>preconceito linguístico</i> que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.

Fonte: Organização das autoras, extraído do quadro Todos os campos – conhecimentos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 83, grifo das autoras).

Assim, são apresentadas as habilidades a serem desenvolvidas para que o conhecimento quanto à variação linguística possa ser construído. Com a primeira habilidade, os educandos conhecem algumas variedades linguísticas e as especificidades delas com o objetivo de assimilarem os sentidos que expressam. Após trabalharem com essas variedades, oportunizam-se momentos para que os estudantes discutam de forma crítica os fatores de prestígio, a estigmatização e os preconceitos referentes às variações linguísticas. Percebe-se, no entanto, que não há definições, nem exemplos, que colaborem para que o professor tenha mais subsídios para trabalhar com a variação linguística.

No decorrer do documento da BNCC, a orientação é para que a variação linguística seja distribuída nos campos de atuação, como todos os outros objetos de conhecimento pertencentes à prática de linguagem análise linguística/semiótica e seja elencada também no tratamento das práticas orais, nas relações entre a fala e escrita, sendo proposto “refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto” (BRASIL, 2017, p. 80). Desse modo, a variação linguística é elencada tanto nas práticas de linguagem, referentes ao eixo análise linguística/semiótica, como no eixo da leitura e da oralidade, a demonstrar que a variação linguística está presente em diferentes práticas sociais, nas quais os estudantes estão inseridos.

O estudante, ao cursar do 1º ao 9º do Ensino Fundamental, deverá ter vivenciado atividades reais e concretas com objetivos de desenvolver a quarta competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando *atitude respeitosa* diante de variedades linguísticas e *rejeitando* preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 87, grifo nosso). Todavia, problematizamos: como isso deve ser feito? Como isso foi disposto no decorrer do documento?

Ao analisarmos os dois primeiros anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, verificamos que, nas orientações, há descrições sobre a variação linguística, vinculadas ao processo de alfabetização, que está proposto para esses anos de ensino, complementado pela ortografização nos anos posteriores. Entre a construção desses conhecimentos estão “as relações entre a variedade de língua oral falada e a língua escrita (perspectiva sociolinguística)” (BRASIL, 2017, p. 91).

Nesse ínterim, consideramos, ainda, que há especificação da perspectiva sociolinguística na BNCC (BRASIL, 2017), contudo, no decorrer das explicações referentes ao processo de alfabetização, não foram encontradas menções quanto ao conceito relacionado à referida perspec-

tiva. Nesse sentido, questiona-se a forma de trabalhá-la: não há especificações que orientem o professor para relacionar os modos de uso do idioma do estudante desses primeiros anos. Referimo-nos às variantes utilizadas em casa, às variações que podem encontrar na escola e às modificações ao vivenciar outras interações. E, por consequência, compreender que existem modos diferenciados de utilizar a língua. No bloco de habilidades do primeiro e segundo ano, não há habilidade que trate o assunto. Nesse caso, perguntamos: em qual momento o professor desses anos de ensino trataria o assunto?

Por sua vez, reportamos que, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na BNCC (BRASIL, 2017), as habilidades e os objetos de conhecimentos, correspondentes à variação linguística e às variedades linguísticas, estão categorizadas a partir do 3º ano, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 4. Ano, Campos, Prática de Linguagem, Objetos de Conhecimento e Habilidades que contemplam a Variação Linguística do 3º ao 5º Ano.

Ano	Campo	Prática de Linguagem	Objeto de Conhecimento	Habilidade
3º ao 5º Ano	Todos os campos	Oralidade	Variação Linguística	(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em <i>variedades linguísticas</i> , identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e <i>respeitando</i> as diversas <i>variedades linguísticas</i> como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, <i>rejeitando preconceitos linguísticos</i> (p. 113).
3º ao 5º Ano	Artístico Literário	Leitura/Escuta (Compartilhada de autônoma)	Formação do Leitor/Leitura multissemiótica	(EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, <i>o uso de variedades linguísticas</i> no discurso direto (p. 133).
3º ao 5º Ano	Artístico Literário	Análise linguística/semiótica (Ortografização)	Discurso direto e indireto.	(EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e <i>explicando o uso de variedades linguísticas</i> no discurso direto, quando for o caso (p. 135).
5º Ano	Vida Pública	Análise linguística/semiótica (ortografização)	Forma de composição dos textos.	(EF05LP21) Analisar o padrão entonacional, a expressão facial e corporal e as <i>escolhas de variedade</i> e registro linguísticos de vloggers de <i>vlogs</i> opinativos ou argumentativos (p. 127).

Fonte: Organização das autoras, extraído BNCC (BRASIL, 2017, p. 123-135, grifos nossos).

No Quadro 4, estão relacionados, do 3º ao 5º ano, os campos de atuação, as práticas de linguagem, os objetos de conhecimento e as habilidades que apresentam as variedades linguísticas e a rejeição ao preconceito linguístico. Em todo o documento direcionado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apenas quatro habilidades, em um conjunto de oitenta e uma, contemplam o assunto. No bloco de habilidades, “Todos os Campos”, no qual estão as habilidades comuns a todos os Campos de atuação apresentados pela BNCC (BRASIL, 2017), consta uma habilidade, a EF35LP11. Nessa habilidade, estão descritas algumas possibilidades para o professor utilizar em relação às variedades linguísticas, como exemplo, as características regionais rurais e as urbanas. Está elencado, também, o uso de variedades linguísticas por diversos grupos e há retomada à competência quatro, no quadro de Competências Específicas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BNCC, 2017), ao utilizar a mesma expressão – *rejeitando* o preconceito linguístico.

A EF35LP11 situada em Todos os campos, deverá ser realocada em todos os Campos de atuação, em conjunto com as outras habilidades do 3º ao 5º Ano, ampliando, assim, o trabalho com as variedades linguísticas, conforme proposto no texto introdutório do Componente Curricular de Língua Portuguesa “em todos os campos/esferas de atuação” (BRASIL, 2017, p. 81).

Duas habilidades, EF35LP22 e EF35LP30, estão elencadas no Campo Artístico Literário, uma, na prática de Leitura e, a outra, em Análise Linguística/Semiótica. No caso, essas habilidades não são específicas para o tratamento das variedades linguísticas. A variação linguística é trabalhada em conformidade com outros objetos de conhecimento, por exemplo: verbos de enunciação e discurso direto. Caso o professor não atente a esses tópicos, a variação linguística poderá não ser contemplada no decorrer das aulas.

A última habilidade, EF05LP21, é específica para ser trabalhada no 5º ano, diferentemente das outras que devem ser trabalhadas do 3º aos 5º anos. Nessa habilidade, também, o trabalho com a variação linguística é apresentado em conjunto com outros objetos de conhecimento: padrão entonacional, expressão facial e corporal. Por isso, é necessário que o professor observe bem ao aplicar as atividades, envolvendo tais objetos, conforme a necessidade da turma.

Ao compararmos, o tratamento dado às unidades de registro das expressões “variação linguística, variedades linguísticas e preconceito linguístico”, presentes nos PCN (BRASIL, 1997) e na BNCC (BRASIL, 2017), percebe-se um avanço significativo, na BNCC, porque essas expressões são nomeadas nas habilidades e nos objetos de conhecimento, e isso norteia o trabalho do professor, provocando-o a organizar atividades que promovam diálogos reflexivos e abordem temas que contemplem discussões e reflexões sobre preconceitos e estigmas linguísticos.

Destacamos, desse modo, que a BNCC (BRASIL 2017) apresenta quatro habilidades do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, referentes ao trabalho com as variedades linguísticas, no entanto, elas não são estáticas, fechadas. Elas podem ser evidenciadas de formas diversificadas no decorrer desses anos de ensino. Para que isso aconteça, os documentos curriculares dos estados necessitam realocar as habilidades nos Campos de atuação e no decorrer dos anos letivos. No próximo tópico, apresentamos como o Documento Curricular do Tocantins propõe essa reorganização.

Documento Curricular do Tocantins (DCT)

Ao analisarmos o Documento Curricular do Tocantins (DCT), verificamos que, na parte introdutória do Componente de Língua Portuguesa, não houve acréscimo aos conceitos das expressões Sociolinguística, variação linguística e variedades linguísticas. Essas expressões são apresentadas da mesma forma que aparecem na BNCC; primeiro, em práticas de linguagens: oralidade, na relação entre fala e escrita “refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto” (TOCANTINS, 2019, p. 24). Em seguida, no eixo leitura, depois, no eixo análise linguística e, por último, na competência 4, no quadro de Competências Específicas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, o mesmo quadro apresentado na BNCC (BRASIL, 2017).

No DCT, também, não há inserção de habilidades, nos primeiros anos do Ensino Fun-

damental, que contemplem a Sociolinguística, a variação linguística e as variedades linguísticas, apenas, a partir do 3º ano. Desse modo, vamos analisar como as mesmas habilidades, apresentadas no Quadro 5, foram reorganizadas no DCT, elencando, caso existam, modificações e acréscimos.

Quadro 5. Distribuição da habilidade: (EF35LP11) por Ano, Bimestre, Objeto de Conhecimento e Sugestões Pedagógicas

Ano	Bimestre	Objeto de Conhecimento	Sugestões Pedagógicas
3º	2º	Variação linguística.	Proporcionar ao estudante a audição de canções de compositores tocantinenses, com legendas, para estimular a curiosidade, o reconhecimento e o respeito relativos à variação linguística local e nacional. Dessa forma, é possível resgatar práticas de letramento/produtos culturais locais, para legitimá-los; explorar a gramática das variedades linguísticas, para que os estudantes possam compreender as diferenças e a similaridades como constitutivas das identidades de seus falantes, favorecendo o convívio respeitoso com a diversidade linguística de forma a legitimar os diferentes falares do Brasil, sem sobrepor uma variedade a outra. Há possibilidade de trabalhar interdisciplinar com Geografia (EF03GE01); História (EF03HI07), (EF03HI08) no que se refere a identificação das características regionais, urbanas e rurais da fala. (TOCANTINS, 2019, p. 90).
4º	2º	Canções regionais, urbanas e rurais. Variação linguística (Cultura indígena). Canções.	Proporcionar ao estudante ouvir canções urbanas e rurais de cantores de repente e rap, com legendas, para estimular a curiosidade, o reconhecimento e o respeito relativos a variação linguística local e nacional; resgatar práticas de letramento/produtos culturais locais, para legitimá-los; explorar a gramática das variedades linguísticas usados em comparação (e não oposição) não locais para que os estudantes possam compreender as diferenças e a similaridades como constitutivas das identidades de seus falantes, favorecendo o convívio respeitoso com a diversidade linguística de forma a legitimar os diferentes falares do Brasil, sem sobrepor uma variedade a outra. Há possibilidade de trabalhar interdisciplinar com Geografia e História no que se refere a identificação das características regionais, urbanas e rurais da fala (TOCANTINS, 2019, p. 113).

Fonte: Organização das autoras, extraído DCT (TOCANTINS, 2019, p. 90-113).

A EF35LP11 será trabalhada nos 3º e 4º ano, e no segundo bimestre. No terceiro ano, manteve-se o objeto de conhecimento da BNCC: variação linguística com acréscimo do gênero canção: regionais, urbanas e rural, com sugestões pedagógicas voltadas para canções de autores tocantinenses, demonstrando, assim, a valorização das variedades linguísticas locais. No 4º ano, houve o acréscimo de Cultura Indígena e do gênero discursivo: canções, aproximando o estudante de aspectos locais do Estado do Tocantins.

A sugestão pedagógica foi a mesma para ambos os anos, todavia, no 4º ano, houve um acréscimo: ouvir canções urbanas e rurais de cantores do estilo repente nordestino² e rap³,

² O repente nordestino é uma das diversas formas que surgiram de interpretação de canto e poesia a partir da tradição medieval ibérica dos trovadores.

³ O rap é um estilo de música que se caracteriza por um recitado rítmico das letras, que não se cantam. Fonte: <https://conceito.de/rap>. Acessado em 20.03.2021, 19h18min.

mas nenhuma referência à Cultura Indígena, mencionada no objeto de conhecimento. Há sugestões de atividades que o professor poderá realizar para desenvolver a habilidade de forma disciplinar e interdisciplinar, a fim de que sejam trabalhadas a valorização e o respeito pelas variedades linguísticas existentes no Tocantins e em outras regiões brasileiras. No Quadro 6, observamos o tratamento dado a habilidade (EF35LP22).

Quadro 6. Distribuição da Habilidade: (EF35LP22) por Ano, Bimestre, Objeto de Conhecimento e Sugestões Pedagógicas

Ano	Bimestre	Objeto de Conhecimento	Sugestões Pedagógicas
3º	4º	Formação do leitor literário. Leitura de obras literárias contos e/ou contos de fadas.	O foco dessa habilidade é a apreensão pelo estudante leitor dos efeitos de sentido produzidos em textos narrativos: a) verbos introdutórios da fala de terceiros (verbos de enunciação ou de <i>dicendi</i>) em casos de discursos citados (discursos diretos; indiretos e indireto livre; b) uso de variedades linguísticas na representação dessas falas no discurso direto. O desenvolvimento dessa habilidade é fundamental para a compreensão do caráter e da dinâmica de personagens numa trama, assim como da organização textual da narrativa. Os diálogos precisam ser reconhecidos não apenas pelas marcas gráficas que os apresentam (dois pontos, travessão, aspas, por exemplo) ou pela presença dos verbos <i>dicendi</i> (introdutório das falas de terceiros), mas também - e, sobretudo - a partir da significação do texto. Essa habilidade deverá ser desenvolvida a partir da análise de diálogos dos livros lidos, posteriormente, podem organizar uma exposição de diálogos ou a produção de vídeos em duplas, contendo um diálogo selecionado pelos estudantes. As marcas linguísticas dos diálogos e o grau de autonomia do estudante são critérios para a progressão da aprendizagem. Tirinhas de textos para socialização e compreensão deles (TOCANTINS, 2019, p. 90).
4º	4º	Leitura de livros literários.	

Fonte: Organização das autoras, extraído DCT (TOCANTINS, 2019, p. 90).

A habilidade EF35LP22 é proposta no 3º e 4º ano, no quarto bimestre. No objeto de conhecimento, não constam variação ou variedades linguísticas. Desse modo, para trabalhar esses dois temas, o professor necessita atentar-se a cada item solicitado e descrito na habilidade e nos objetos de conhecimento elencados, vislumbrando as diversas possibilidades que podem ser desenvolvidas com a variação linguística e as variedades linguísticas na leitura de contos e livros literários.

Nas Sugestões Pedagógicas, há orientações específicas para que o professor trabalhe com variação linguística no discurso direto, como já explicitado na habilidade. As orientações são as mesmas para os dois anos de ensino. Todavia, o professor necessita ater-se às Sugestões Pedagógicas, caso contrário, a variação linguística poderá não ser trabalhada, pelo fato de não estar estipulada no objeto de conhecimento. No Quadro 7, observamos a reorganização da habilidade (EF35LP30).

Quadro 7. Distribuição da Habilidade (EF35LP30) por Ano, Bimestre, Objeto de Conhecimento e Sugestão Pedagógica.

Ano	Bimestre	Objeto de Conhecimento	Sugestões Pedagógicas
3º	4º	Discurso Direto e Indireto	A finalidade dessa habilidade refere-se a reconhecer as diferenças e semelhanças entre discurso direto e indireto, focalizando não apenas a pontuação, mas o uso de verbos <i>dicendi</i> em cada caso, explicando o uso de variedades linguísticas quando necessário. O foco da habilidade é a separação gráfica (dois pontos e travessão) que, no discurso direto, se estabelece entre o discurso do narrador e do personagem, o que não ocorre no discurso indireto. Por outro lado, a fala de um personagem pode vir organizada em uma variedade linguística diferente do texto do narrador: trata-se de recurso de caracterização de personagem, ou de suas intenções. O importante é analisar a coerência desse fato no interior do texto e que o professor organize atividades de leitura de textos e de livros - (EF35LP21), em que os discursos citados tenham um papel relevante (TOCANTINS, 2019, p. 100).
4º	3º	Discurso direto e indireto. Verbos. Verbos de enunciação. Variedades Linguísticas.	
5º	1º e 4º	Verbos de enunciação. Variedades Linguísticas.	

Fonte: Organização das autoras, extraído DCT (TOCANTINS, 2019, p. 100).

Em relação à habilidade EF35LP30, no 4º e 5º ano de ensino, a expressão “variedades linguísticas” é proposta tanto na habilidade, como nos objetos de conhecimento, mas não está descrita no objeto de conhecimento do 3º ano. Por sua vez, as sugestões pedagógicas são iguais para ambos os anos de ensino e contemplam as variedades de ensino. De tal maneira, as variedades linguísticas aparecem com outros objetos de conhecimento, estabelecendo a inter-relação dos temas abordados. Assim, quando as expressões: preconceito linguístico, variedades linguísticas e variação linguística, são propostas nos quadros, direcionam para que o professor oportunize e organize momentos para que esses objetos de conhecimento sejam estudados em concomitância com outros temas. No Quadro 8, evidenciamos a reorganização da habilidade (EF05LP21).

Quadro 8. Distribuição da habilidade: (EF05LP21) por Ano, Bimestre, Objeto de Conhecimento e Sugestões Pedagógicas

Ano	Bimestre	Objeto de Conhecimento	Sugestões Pedagógicas
5º	2º	Análise de variedade e registro linguísticos de vloggers de vlogs opinativos ou argumentativos.	Essa habilidade relaciona-se com a (EF04LP18), na medida em que prevê o estudo de aspectos relativos a comunicações orais (algumas entrevistas, vídeos e ou oralizadas (fala de âncora ou locutor de notícias, por exemplo). Seu desenvolvimento permite ao estudante perceber e avaliar o papel persuasivo do padrão entonacional, de expressão corporal e da variedade linguística selecionada no discurso argumentativo de vloggers. Essa habilidade envolve a previsão de práticas de escuta atenta, no interior, das quais os estudantes poderão observar, refletir e analisar os aspectos mencionados na produção oral, relacionando-os a seus efeitos de sentido. Essa habilidade representa um avanço na progressão vertical da habilidade (EF04LP18), já que os gêneros previstos são diferentes (TOCANTINS, 2019, p. 132).

Fonte: Organização das autoras, extraído do DCT (TOCANTINS, 2019, p. 132).

Nesta habilidade, a EF05LP2, o objeto de conhecimento traz um aspecto da atualidade, os *vloggers*⁴, aproximando-o à realidade de muitos estudantes que acompanham e seguem, virtualmente, vlogueiros⁵ de diversas regiões brasileiras. Isso possibilita ao professor um vasto campo para que os alunos possam perceber a riqueza das variedades e variações linguísticas presentes nos argumentos desses comunicadores. Além disso, permite que os estudantes entrem em contato com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), aspecto relevante a ser considerado na contemporaneidade. As TICs têm influenciado significativamente a dinâmica da escola, da prática docente e do processo ensino aprendizagem e pela própria abrangência de estreitar distâncias, colaboram para que o professor utilize materiais diversos no tratamento da variação linguística.

Considerações Finais

Observamos que na BNCC há avanço quanto ao tratamento à variação linguística, uma vez que esse tema é proposto nas habilidades e nos objetos de conhecimento do Quadro Organizador Curricular. Todavia, percebemos que no texto introdutório do componente curricular de Língua Portuguesa, os conceitos dados à variação linguística poderiam ser mais abrangentes e valorados, principalmente, por esse assunto não ser tão abordado na prática escolar.

De acordo com as análises, observamos que, nas orientações sugeridas no campo introdutório do documento, o qual versa sobre o processo de alfabetização, menciona-se a perspectiva sociolinguística. No entanto, ao analisar o Quadro organizador das habilidades, nos dois primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental, não há habilidade relacionada à variação linguística e nem orientações de como o professor poderia trabalhar com a referida perspectiva, nesses primeiros anos de ensino.

Na BNCC, do terceiro ao quinto ano, são elencadas quatro habilidades que apresentam a variação linguística, norteando, assim, o trabalho do professor nesses anos para o tra-

4 O termo “vlogger” é uma maleta virtual composta por palavras, vídeo e blogger.

5 Vlogueiros refere-se a vloggers, que significa alguém que posta vídeos incorporados regularmente em seu blog, além ou no lugar de texto ou outro conteúdo. Fonte: <https://oque-e.com/o-que-e-um-vlogger/> Acessado em 20/03/2021, 19h06min.

tamento das variedades e do preconceito linguístico. Todavia, das quatro habilidades sobre variação linguística, apenas uma, a (EF35LP11), traz nomeado o termo preconceito linguístico. Para tanto, é necessário que o professor priorize o trabalho com a variação linguística e aborde sobre o preconceito linguístico, não só no campo de atuação artístico-literário ou na vida pública, mas em todos os outros campos, aliando-os com outros objetos de conhecimento. É necessário esclarecer ao estudante que as variações e variedades linguísticas constituem o português brasileiro e, conseqüentemente, sua vida social, sendo preciso debater, principalmente, a respeito do preconceito linguístico.

Na organização do Componente Curricular de Língua Portuguesa, no DCT, na introdução, estão presentes as unidades de registro das expressões: perspectiva sociolinguística, variação e variedades linguísticas, e não há acréscimos nos conceitos atribuídos. Essas expressões são apresentadas como se fizessem parte do cotidiano do professor e como se fossem inseridas no planejamento diário de ensino, consoante ao que está proposto na BNCC.

No entanto, constatamos novas proposições no Quadro organizador curricular do DCT, visto que as habilidades propostas são reorganizadas por ano de ensino e bimestre. Nessa reorganização, há uma distribuição dessas habilidades que direcionam o professor a um trabalho de introdução, desenvolvimento e conclusão da habilidade.

Nesse entendimento, há a possibilidade de o professor realizar as etapas de inserção dos conceitos, comparações para que se atinja o conhecimento, discussão, reflexão sobre as variedades estigmatizadas do Português Brasileiro. Isso possibilita que o estudante do 3º ao 5º ano, tenha contato com atividades relacionadas a esse objeto de conhecimento. Outro avanço são as Sugestões Pedagógicas que auxiliam a compreensão das habilidades e colaboram com a prática do professor.

Acreditamos que as Sugestões Pedagógicas presentes no DCT, relacionadas à variação linguística, auxiliam o professor para realizar o trabalho com a variação, voltando o trabalho, primeiro, às variedades linguísticas presentes na localidade, e, depois, apresentando a comparação com outras regiões, preparando o estudante para avançar nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Concluimos que os campos de atuação, como organização pedagógica, demonstram que as atividades de linguagem necessitam ser trabalhadas com situações reais e concretas de uso, isto é, de uso social e, assim, a variação linguística deveria ser apresentada com mais ênfase e mais amplitude nos documentos para que, realmente, ocorra a valorização das variedades linguísticas e a rejeição ao preconceito linguístico.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª Série**, 1998. Disponível em <http://www.mec.gov.br> Acesso em 15 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 01 mai. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997. 144p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

DE MELO, Thiago Benitez; SANTOS, Maria Elena Pires. A Variação Linguística nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa (5a À 8a Séries): Conceitos e Preconceitos. **Ideação**, v. 12, n. 2, p. 143-154. 2010.

DIAS, Wesley Mateus. A abordagem da variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio. **Revista Porto das Letras**. Léxico e Dialectologia. Vol. 06, Nº 3. 2020.

DIMBARRE, Mirely Christina. Variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 2º ciclo do Ensino Fundamental I. In: **Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2** [recurso eletrônico] / Org.: Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019, p. 437 – 448.

FALCÃO, Maristela Fernandes Mendes. A abordagem da variação linguística no livro didático: análise e reflexão à luz da sociolinguística. **Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESD / LALIMU**, v. 11, n. 31 jun. 2020.

FREITAG, Raquel MeisterKo. Entre a teoria e a prática: a Provinha Brasil e o tratamento da variação linguística na alfabetização. **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju. V.3. N.3. p. 47 – 60. Jun. 2015.

GUMPERZ, John Joseph. **Discourse Strategies**. Londres: Cambridge University Press, 1982.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFCEG, 2020, p. 25 - 46.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José, Introdução à Linguística. I Objetos Teóricos/José Fiorin (org.). - 6.ed., 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019, p.11-24.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TOCANTINS. Secretaria da Educação, Juventude e Esportes. Linguagens: **Língua Portuguesa**. In: Documento Curricular do Tocantins. Secretaria da Educação, Juventude e Esportes. - TO: 2019, p. 17-219.

Recebido em 11 de junho de 2021.
Aceito em: 27 de outubro de 2021.